

Além dos milagres da tenda:

a representação das relações interculturais no Brasil
a partir da obra de Jorge Amado

Pedro G. Ferreira*

Resumo: A publicação de *Tenda dos Milagres*, por Jorge Amado, propõe uma reflexão em torno das relações interculturais no Brasil. Remontando episódios do livro, este artigo debate a construção do protagonista e de sua produção literária contra a hegemonia do modelo europeu de conhecimento. A partir desta análise, é possível entender o ambiente no qual se insere Pedro Archanjo e as violências estruturais que Jorge Amado denuncia na sua obra, inspirada no contexto desigual e racista da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; interculturalidade; colonialidade; Arte.

* Pedro G. Ferreira é compositor e graduando em Ciências Sociais pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) na FGV-Rio. O presente artigo começou a ser desenvolvido durante o intercâmbio acadêmico na Universidade de Coimbra - Portugal - em 2019. E-mail: pedroferreira@gmail.com.

Más allá de los milagros de la tienda:

la representación de relaciones interculturales en Brasil a partir de la obra de Jorge Amado

Beyond the miracles of the tent:

the representation of intercultural relations in Brazil through the work of Jorge Amado

Resumen: La publicación de *Tienda de los Milagros* de Jorge Amado trae al escenario literario un retrato de las relaciones interculturales en Brasil. Reuniendo los episodios del personaje principal, este artículo analiza la obra literaria de Amado frente a la supremacía del modelo europeo. Por lo tanto, al estudiar el ambiente en el que Archanjo produce su obra, es posible comprender la violencia estructural que Jorge Amado expone a través de ejemplos reales de la historia brasileña.

Palabras clave: Literatura Brasileña; interculturalidad; colonialidad; Arte

Abstract: The publishing of *Tent of Miracles* by Jorge Amado brings to the literary scene a portrait of the intercultural relations in Brazil. By reassembling the episodes of the main character, this article analyzes his literary works against the European model's supremacy. Hence, by studying the environment in which Archanjo produces his work, it is possible to understand the structural violence that Jorge Amado exposes through real examples in Brazilian history.

Keywords: Brazilian literature; interculturality; coloniality; Art.

1. Introdução

Este artigo analisa a representação das relações interculturais na obra *Tenda dos Milagres* (1969) de Jorge Amado. Por meio de uma revisão sobre a biografia do autor, a primeira parte do artigo insere o livro na trajetória política de Amado, associando suas produções literárias a seus interesses políticos. A partir do princípio de que a obra de Jorge Amado não parte do abstrato, mas sim das observações do cotidiano baiano, como descrito pelo próprio autor (OLIVIERI-GODET, 2014), a primeira parte finaliza com uma apresentação da trama de *Tenda dos Milagres*. Em seguida, o artigo aborda a construção do personagem Pedro Archanjo ao longo do livro, usando como exemplos as histórias que se desenvolvem nos dois tempos narrativos da obra. O conflito entre a concepção do protagonista enquanto líder popular ou intelectual letrado moldam a descoberta de relações de poder na obra.

Por meio da análise da obra de Santiago (1978) é possível observar o protagonista Pedro Archanjo como um escritor marginalizado que desenvolve em suas pesquisas um discurso contrário a hegemonia dos modelos europeus. Seu conflito com o professor Nilo Argolo ao longo do livro deixa claro o processo de desenvolvimento do protagonista a partir do que Santiago (1978) define o “entre-lugar” do escritor latino-americano. A postura crítica de Archanjo, buscando compreender as bases contra a quais está se manifestando nos leva a perceber uma estrutura repressora.

Para entender as relações de opressão inseridas no texto, o artigo se volta para uma análise dos conceitos de interculturalidade por Walsh (2009). Explicando as bases da autora, fica possível identificar uma relação de interculturalidade funcional entre os personagens que representam a elite baiana e as classes mais pobres. Segundo Walsh (2009), este tipo de relação entre culturas busca manter

as lógicas neoliberais, promovendo o apagamento dos personagens da cultura marginalizada e absorvendo apenas o que gera lucro e estabilidade a elite. Inserida no desenvolvimento das celebrações do centenário de Pedro Archanjo, interculturalidade funcional é vista através do exemplo do seminário sobre o apartheid, que é cancelado após a ordem dos empresários de Salvador.

Por fim, o artigo se volta para um estudo sobre a violência estrutural relatada no livro, que se manifesta também nas forças policiais. Usando como base alguns trechos da obra que mostram a brutalidade do delegado Pedrito Gordo com os terreiros de candomblé em Salvador, o artigo, por meio do texto de Quijano (2005), mostra o debate sobre a manutenção das práticas de violência coloniais na sociedade baiana descrita por Jorge Amado. Concluindo, tendo em vista que a obra de Amado traz consigo referências da realidade – que são evidenciadas neste artigo – é possível compreender, através destes episódios, a representação da realidade brasileira.

2. A obra de Jorge Amado e Tenda dos milagres

Esta seção se concentra em explorar a biografia de Jorge Amado e a inserção de suas obras no contexto histórico brasileiro. Nascido em agosto de 1912 no município de Itabuna, no sul da Bahia, Jorge Amado publicou seu primeiro livro em 1931. O livro *O país do Carnaval* (1931) foi assinado sob o pseudônimo de Y. Karl e narra a história de Paulo Rigger, um brasileiro que retorna ao país após estudar Direito na capital francesa (SOARES, 2013). A partir da união com outros intelectuais em Salvador, Rigger discute questões sobre a política brasileira e o rumo do país. O livro pode ser lido como um romance de formação (SCHWARCZ; SELTZER GOLDSTEIN, 2009, p. 13), no sentido de ser uma obra que busca construir a identidade do autor.

As primeiras obras de Jorge Amado se inserem no contexto de uma produção literária regionalista, que conta com os exemplos de Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Como parte da estética, o engajamento político se demonstrava na exposição da realidade periférica nordestina (OLIVIERI-GODET, 2014). A partir do intermédio de Rachel de Queiroz, Amado ingressou no Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1932 e assumiu uma posição de destaque, tendo como função ser o promotor do romance proletário no Brasil (SANTANA, 2020). Nesta nova proposta, o autor publicou *Cacau* (1933), um livro que descreve a vida do trabalho nas plantações de cacau em Ilhéus, Bahia. A conjunção entre experiências vividas por Amado e o retrato da realidade brasileira começa a aparecer na obra do autor a partir desse romance e continuará ao longo de outros livros como *Suor* (1934) que, com forte inspiração socialista, desenvolve a vida dos moradores de um prédio localizado no Pelourinho, na cidade de Salvador.

Assim como nos romances anteriores, a publicação de *Mar Morto* (1936) revelou uma narrativa da relação entre uma comunidade e seu entorno. Como descrito por Rossi (2004), a história de Guma – condutor de saveiros em Salvador – expõe uma dramaticidade e um lirismo, que destoam dos demais livros do autor. Ainda segundo Rossi (2004, p. 187), Amado se apropria da linguagem para estabelecer seu ideário comunista em *Mar Morto*. A militância também pode ser observada ativamente em *Jubiabá* (AMADO, 1935), por meio da história de Antônio Baluduíno, um jovem negro do morro do Capa-Negro que descobre o engajamento político no movimento proletário.

A literatura amadiana desenvolve ainda na narrativa de Pedro Bala, em *Capitães de Areia* (1937), o relato da sobrevivência dos jovens moradores de rua na cidade de Salvador. O romance pode ser visto como uma reafirmação das qualidades da juventude brasileira: a coragem, a força frente a adversidade e a criatividade (SCHWARCZ; SELTZER

GOLDSTEIN, 2009). Junto a isso, na figura do protagonista vê-se também o engajamento político em apoio aos proletários.

De acordo com Coutinho (1990), em 1956, no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, Jorge Amado reviu suas concepções ideológicas e abandonou a estética do realismo socialista¹, a partir da denúncia de práticas stalinistas. A partir de seu afastamento, Coutinho (1990) destaca o enriquecimento do realismo na construção dos personagens de Jorge Amado. Marcando esta nova imersão artística, o livro Gabriela, cravo e canela (1958) abordou o romance sem deixar de tratar dos problemas da realidade brasileira (OLIVIERI-GODET, 2014). A nova fase de Jorge Amado se desenvolve ainda mais na narrativa de Tenda dos Milagres (AMADO, 1969), que marca um retorno do autor às matrizes urbanas em sua obra, novamente evidenciando a luta contra o racismo no estado da Bahia.

A publicação de Tenda dos Milagres, em meio a recente promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), traz o enredo da vida e legado de um antropólogo chamado Pedro Archanjo, que produz ensaios sobre o folclore baiano e suas origens africanas. Durante a obra, Amado descreve a importância do personagem James D. Levenson – um renomado professor norte-americano e ganhador do prêmio Nobel – na conscientização do trabalho de Archanjo pela sociedade baiana. A partir da construção de dois planos narrativos – o presente e o passado – o livro evidencia a comparação entre a biografia do personagem principal e a narrativa construída pelos representantes das elites para as celebrações.

Em seu artigo, Brignoni (2014) analisa os dois planos, dividindo as vozes narrativas entre um narrador heterodiegético e o narrador-personagem, representado por

1. O realismo socialista foi a doutrina oficial do regime soviético. Entre 1948 e 1954, principalmente, a vertente proposta por Andrey Zhdanov determinou recomendações para a produção de obras artísticas que contivessem diretrizes socialistas. Influenciando diversos artistas brasileiros, fosse na música ou na literatura, o manifesto de Zhdanov expunha a necessidade de personagens populares com uma linguagem direta que pudesse evidenciar a luta de classes dentro da narrativa artística.

Fausto Pena, um jornalista que no início do livro é convidado por James D. Levenson para produzir a biografia de Pedro Archanjo. Por meio dos capítulos narrados por Pena, observam-se representações de uma elite intelectual que entra em conflito constante com as classes mais pobres da sociedade baiana. Junto a isto, é possível também observar a manifestação da cultura africana e diversos episódios de preconceito e abusos de poder.

Descrito pelo próprio autor como o livro no qual tudo está dito de uma forma mais explícita, Tenda dos Milagres já foi analisado por diversas óticas, como por exemplo pelas suas teorias raciais (SPERB, 2013) ou pela relação entre o real e o fictício no texto literário (BORGES, 2007). Este trabalho interpretará a obra pelas suas abordagens interculturais e a relação de dependência da sociedade brasileira. Portanto, inicialmente é preciso compreender a construção do personagem principal, Pedro Archanjo, a partir das suas relações com o seu entorno.

3. A construção do personagem Pedro Archanjo

Pedro Archanjo é um homem que se autointitula mulato e é descrito como uma figura de grande renome entre as classes mais pobres da Bahia. Conhecido também como Ojuobá – que significa os olhos de Xangô –, Archanjo possui uma forte conexão com as culturas afrianas em Salvador. Sua jornada entre diversos trabalhos ganha maior destaque durante seu período como bedel na Faculdade de Medicina da Bahia, onde inicia a escrita de sua obra sobre os folclores baianos e o mito da harmonia racial. Junto a seu companheiro Lídio Corró, Archanjo é dono de um dos cenários centrais da capital baiana: a Tenda dos Milagres, localizada no Tabuão, nº60. Nela, os dois personagens constroem diversas peças artísticas e ritualísticas aos Orixás, além de realizarem festividades e rituais.

Para além da figura de Pedro Archanjo, Brignoni (2014) ressalta a importância dos personagens secundários e das tramas que desde o início do livro relatam a resistência da cultura baiana contra o aparato de repressão estatal. É o caso do Afoxé Filhos da Bahia, que mesmo após a proibição pela Secretaria de Polícia, decide realizar seu desfile. Como se lê no trecho a seguir, Archanjo assume uma postura de liderança para que a manifestação cultural possa acontecer:

“Mas, de repente, Pedro Archanjo, simples guerreiro de Palmares e chefe da baderna, susteve a maratona e começou a rir, a rir às bandeiras despregadas, um riso alto, claro e bom de quem rompera a ordem injusta e proclamara a festa; abaixo o despotismo, viva o povo, límpido e infinito riso de alegria, fit-ó-fó, fit-ó-cu, viva e viva, vivoô!” (AMADO, 1969, p. 67)

Como resposta ao evento, o jornal local em 1903 escreve uma nota em que critica o Afoxé Filhos da Bahia, deixando claras as suas diretrizes eugenistas. A denúncia no romance de Jorge Amado ressalta as ações em prol de políticas eugenistas, presentes na realidade brasileira na primeira metade do século XX. Segundo Smaniotto (2012), a eugenia, em suas duas principais formas, esteve presente nos debates da elite brasileira, fosse pelo branqueamento e a higienização – chamada eugenia positiva – ou pelas propostas de esterilização dos degenerados – a eugenia negativa. Por meio de uma referência a este momento histórico no Brasil, Jorge Amado demonstra um primeiro exemplo do conflito entre o povo negro e a elite baiana.

“A autoridade deveria proibir esses batuques e candomblés que, em grande quantidade, alastram as ruas nesses dias, produzindo essa enorme barulhada, sem tom nem som, como se estivéssemos na Quinta das Beatas ou no Engenho Velho, assim como essa mascarada vestida de saia e torço, entoando o abominável sambe, pois que tudo isso é incompatível com o nosso estado de civilização, bradava o Jornal de Notícias. [...]”

Se alguém julgar a Bahia pelo Carnaval, não pode deixar de colocá-la a par da África e note-se para nossa vergonha que aqui se acha hospedada uma comissão de sábios austríacos, que naturalmente, de perna engatilhada, vai registrando esses fatos, para divulgar nos jornais da culta Europa.” (AMADO, 1969, p. 70)

Em contraste com a imagem de um líder popular, Pedro Archanjo é descrito durante o planejamento das celebrações de seu centenário como um homem letrado que possui diversas conquistas profissionais como legado. Um exemplo desta dicotomia na construção do protagonista é o episódio da bolsa de estudo ofertada pela marca de cachaça Crocodilo. O prêmio se voltava a estudantes do Ensino Fundamental e contava com uma bolsa para todo o Ensino Médio em boas escolas da Bahia. No entanto, para a divulgação do processo foram necessárias três etapas de preparação: 1) Uma biografia curta sobre Pedro Archanjo escrita por Professor Calazans, um amigo de Archanjo; 2) O relatório da Agência Doping, empresa contratada para a divulgação e 3) As informações oferecidas pelas professoras em sala de aula.

“Entra com o pequeno texto que devemos fornecer às professoras para que possam contar algo sobre Archanjo aos meninos. Meia página, no máximo uma, breve notícia biográfica do nosso herói, que as mestras estudarão, transmitindo depois às crianças uma ideia de quem foi Archanjo. Os meninos a interpretarão cada qual à sua maneira. Não é uma beleza? É esse texto que queremos lhe pedir, ou melhor: lhe encomendar.” (AMADO, 1969, p. 169)

Dando início ao projeto, o Professor Calazans escreve um texto breve, apontando os principais eventos da vida de Archanjo. Entre outras informações, Calazans dá destaque a formação autodidata em antropologia, etnologia e sociologia e aos estudos das línguas francesa, inglesa e espanhola. Filho de um recruta de guerra, Archanjo ainda é descrito no texto como

um ardente defensor da miscigenação:

“Outros dados: mulato, pobre, autodidata. Ainda rapazola engajou-se grumete em navio de carga. Viveu alguns anos no Rio de Janeiro. Ao voltar à Bahia, exerceu o ofício de tipógrafo e ensinou primeiras letras, antes de empregar-se na Faculdade de Medicina, emprego que veio a perder, após tê-lo exercido durante cerca de trinta anos, devido à repercussão de um de seus livros. Músico amador, tocava violão e cavaquinho. Participou intensamente da vida popular.” (AMADO, 1969, p. 171)

A partir deste texto produzido como base para a obra publicitária, a Agência escreve um relatório que sacraliza Archanjo e o define como um homem que, desde jovem, viajou o mundo, estabelecendo contato com diversas culturas. É possível notar a caracterização de Pedro Archanjo como um homem letrado, como disposto no trecho abaixo:

“Durante a juventude, levado pelo desejo de aventura, viajou como embarcado, percorrendo o mundo. Em Estocolmo, conheceu a bela escandinava que foi o grande amor de sua vida.

De volta à Bahia, ingressou na Faculdade de Medicina e ali, durante cerca de trinta anos, encontrou o ambiente propício aos estudos e trabalhos que projetaram seu nome de cientista e escritor” (AMADO, 1969, p. 172)

Nota-se na escrita do relatório da Agência a presença de uma dubiedade com relação a posição de Pedro Archanjo na Faculdade de Medicina. Por meio do texto, é possível compreender que, na verdade, o protagonista do romance esteve academicamente presente na Faculdade durante os seus trinta anos. Esta hipótese se confirma na preleção realizada pela professora Dida Queiroz, que anuncia o concurso para seus alunos do terceiro grau na escola pública Jornalista Giovanni Guimarães, no Rio Vermelho:

O pai de Pedro Archanjo foi general na Guerra do Paraguai e morreu lutando contra o tirano Solano Lopez que atacou nossa Pátria. [...] Fez vestibular para a Faculdade de Medicina, onde, após colar grau, foi professor durante mais de trinta anos.

[...] O exemplo de Pedro Archanjo nos ensina como um menino pobre, se tiver disposição e estudar de verdade, pode ingressar na alta sociedade, ensinar na Universidade, ganhar muito dinheiro, viajar à beça e vir a ser uma glória do Brasil. É só ter força de vontade e não fazer malcriação à professora. Vocês agora vão escrever o que acharam de Pedro Archanjo, mas antes vamos gritar com o Gaiato Crocodilo que oferece as bolsas: Viva o imortal Pedro Archanjo!" (AMADO, 1969, p. 175)

Como exemplo da hipótese discutida acima, o trecho destaca a transformação da figura de Pedro Archanjo em um homem que, através do mérito, conseguiu o sucesso profissional. É possível perceber também a mudança na figura paterna de Pedro Archanjo, que passa de um recruta no exército para, enfim, um general que liderou as tropas brasileiras contra Solano Lopez. Para evidenciar o final deste processo, Amado escolhe exemplificar a recepção deste discurso na redação de um dos alunos, Rai, em que descreve Archanjo como um órfão que fugiu para os Estados Unidos e, anos depois, retornou ao Brasil para “contar histórias de bichos e de gente” (AMADO, 1969, p. 175). Tendo em vista esta discrepância entre as duas visões sobre o protagonista de Tenda dos Milagres, é importante compreender a obra de Pedro Archanjo inserida no contexto baiano.

4. A obra de Archanjo e o entre-lugar do escritor

Examinaremos a representação do papel do escritor no contexto baiano através da construção do personagem Pedro Archanjo. Inserido na esfera de uma produção artística marginal, Archanjo pode ser lido sob a ótica de Santiago

(1978)². Segundo o autor, o processo de consolidação da obra latino-americana tem como base a compreensão da impossibilidade de reverter os processos colonizadores, o que indica a influência estrutural dos países europeus na cultura da América Latina. Portanto, o escritor latino-americano, de acordo com Santiago (1978), deve assumir uma postura ativa na sua escrita para que se projete contra a hegemonia dos países do norte global. Essa postura é obtida através da falência do método de pesquisa que é conduzido usando como base a consulta somente às fontes e influências europeias. Santiago (1978) ainda relata que a metodologia usada pela América Latina leva as produções a ficarem como Dom Quixote, em busca do poder e da glória que advêm de uma sociedade colonialista – ou neocolonialista. O que se tira dessa experiência é uma condição parasitária ao escritor latino-americano, que se mantém aprisionado ao prestígio dessa referência do norte global.

Com a falência do método tradicional, o escritor latino-americano buscaria novas influências que aguçariam o seu discurso crítico. Assim como no processo de antropofagia (DE ANDRADE; TELES, 1976), o artista entende que a sua postura é um entre-lugar, ou seja, se forma a partir do conflito com a influência externa. A releitura das manifestações europeias leva a arte latino-americana a uma ressignificação da hierarquia cultural. É possível entender Pedro Archanjo como um escritor inserido neste caso à medida em que se observa que a partir de sua obra é estabelecido um conflito com as referências dominantes no cenário de Tenda dos Milagres. A representação do personagem Nilo Argolo que, em 1901, publica A degenerescência psíquica e mental dos povos mestiços – o exemplo da Bahia, está tão associada ao atraso sócio-econômico brasileiro quanto à concepção de inferioridade do negro frente o branco-europeu (LIMA DE OLIVEIRA, 2006).

2. Para além da chave latino-americana, é importante sempre ressaltar a presença de Jorge Amado no âmbito brasileiro, onde produziu suas críticas sociais através da literatura. A relação de Amado com o Partido Comunista e suas diretrizes, a sua construção de personagens e a abordagem de questões sociais tiveram um papel crucial na arte brasileira. A análise deste artigo insere Amado em uma lógica maior, a latino-americana, que por muitas vezes pode ser alijada da cultura e do pensamento brasileiros, quando, na verdade, estão extremamente interligados.

Ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe ideias europeias, sempre em sentido impróprio. É nesta qualidade que elas serão matéria e problema para a literatura” (SCHWARZ, 1930)

Archanjo, estabelecendo o conflito direto com Argolo, publica em 1928 o livro Apontamentos sobre a mestiçagem nas famílias baianas, ainda com poucos volumes impressos. Mesmo com a baixa tiragem, um debate em torno da tese de Archanjo chega ao contexto da Faculdade de Medicina, que, segundo Jorge Amado, estava repleta de discursos de preconceito e ódio.

Nos começos do século, a Faculdade de Medicina encontrava-se propícia a receber e a chocar as teorias racistas pois deixara paulatinamente de ser o poderoso centro de estudos médicos fundado por Dom João VI, fonte original do saber científico no Brasil, a primeira casa dos doutores da matéria e da vida, para transformar-se em ninho de subliteratura, da mais completa e acabada, da mais retórica, balofa e acadêmica, a mais retrógrada. Na grande escola desfraldaram-se então as bandeiras do preconceito e do ódio. (AMADO, 1969, p. 136)

A descrição de Amado nos leva a compreender a posição de Nilo Argolo dentro da instituição. Além disso, é possível também destacar a postura de Pedro Archanjo que, simbolicamente, disputa um espaço – enquanto representa uma produção marginalizada – com as concepções europeias sobre raça.

“Enterrou o racismo na vergonha da anticiência, sinônimo vil de charlatanice, de reacionarismo, arma de classes e castas agonizantes contra a indomável marcha. Se não terminou com os racistas- sempre haverá imbecis e salafrários em qualquer tempo ou sociedade -, Pedro Archanjo os marcou a ferro e a fogo, apontando-os na rua, eis, meus bons, os antibrasileiros, e proclamou a grandeza do Mestiço. Oh, que ousada opinião” (AMADO, 1969, p. 138)

Neste trecho, enquanto assume a potência da obra produzida por Pedro Archanjo no conflito contra a hegemonia europeia e as práticas racistas, Jorge Amado denota também sua aproximação com o protagonista. No entanto, para buscar a validação enquanto escritor, Archanjo tem suas obras enviadas a diversas referências mundiais dos estudos sociais. São elas: Biblioteca Nacional do Rio, a Universidade de Columbia, Nova York, a Universidade de Sorbonne, Paris, e a Universidade de Coimbra, em Portugal. A partir desta notoriedade, ainda incipiente, Amado descreverá um conflito direto entre Archanjo e Argolo no espaço da Faculdade de Medicina. Nilo Argolo, assumindo uma postura hierárquica superior, busca através de sua fala marcar a distância entre ele e Pedro Archanjo.

“- Você confunde batuque e samba, hórridos sons, com música; abomináveis calungas, esculpidos sem o menor respeito às leis da estética, são apontados como exemplos de arte; ritos de cafres têm, a seu ver, categoria cultural. Desgraçado deste país se assimilarmos semelhantes barbarismos, se não reagirmos contra esse aluvião de horrores. Ouça: isso tudo, toda essa borra, proveniente da África, que nos enlameia, nós a varremos da vida e da cultura da Pátria, nem que para isso seja necessário empregar a violência” (AMADO, 1969, p. 144)

Mais uma vez, o que se observa na obra de Jorge Amado corresponde a uma corrente de pensamento real. Em Gobineau a mestiçagem poderia ser vista como a junção de elementos “superiores” com outros considerados “inferiores”, fortalecendo o que se constituía como “fraco” e desestabilizando as “melhores características” da cultura branco-europeia (LIMA DE OLIVEIRA, 2014). Como descrito por Lima de Oliveira (2014, p. 43), a presença de Archanjo na Faculdade de Medicina, o “templo da ciência” é um destaque pelo protagonista ser detentor de uma racionalidade contra os intelectuais da tradição evolucionista. Caracterizado como um

herói, Archanjo trava uma espécie de batalha inglória para a reformulação da identidade nacional. Fica claro no texto de Amado que, por mais difícil que este conflito seja, Archanjo recebe o apoio das classes mais pobres. O trecho a seguir destaca uma parte cantada por um repentista que, nas ruas de Salvador, faz um elogio ao poder de Pedro Archanjo enquanto intelectual.

Aos leitores apresento

Um tratado de valor

Sobre a vida da Bahia

Mestre Archanjo é seu autor

Sua pena é o talento

E sua tinta a valentia" (AMADO, 1969, p. 134)

A construção do personagem de Pedro Archanjo conta ainda com um estudo sobre as obras antropológicas da época, que servem como influência para o protagonista ao longo de seus estudos. Retomando o que é descrito em Santiago (1978), Archanjo utiliza a sua escrita de modo consciente, buscando referências como o antropólogo Franz Boas e suas teses sobre as interpretações sobre culturas, Alexandre Dumas e Gobineau (LIMA DE OLIVEIRA, 2014). Sua bagagem cultural, que se expande ao longo do livro, é desenvolvida a partir do conflito com Nilo Argolo, o que chama a atenção de Pedro Archanjo para a necessidade de melhor estruturação do seu intelecto. Assim como o escritor latino-americano de Santiago (1978), Archanjo assume as influências dos conhecimentos do norte global para, enfim, ressignificá-las dentro da sua esfera. A partir deste entendimento sobre o personagem de Jorge Amado, pode-se debater a narrativa construída em torno da sua figura no contexto das comemorações do seu centenário.

5. A esfera de produção do centenário de Pedro Archanjo

Uma vez estudada a constituição do protagonista Pedro Archanjo, podemos analisar a formulação do seu centenário de nascimento a partir deste conflito entre as duas narrativas sobre sua biografia. De um lado, mostra-se o Pedro Archanjo como um líder social, que luta contra as concepções racistas da Faculdade de Medicina, enquanto do outro aborda-se a história de Pedro Archanjo alijada de suas posições políticas, transformando-o em um pesquisador da cultura e da culinária baiana. Como descrito no livro de Santos (2012) as relações sociais são sempre culturais e políticas, acima de tudo. Deste modo, qualquer conhecimento pode ser observado sob a ótica contextual. No entanto, o que se nota é a reprodução de um modelo único, hegemônico, de conhecimento que parte de um Norte global, como descreve o autor. O epistemicídio, ou seja, a supressão de conhecimentos externos a este modelo único está representada na narrativa de Jorge Amado (1969). A sobreposição dos pensamentos do Norte aos pensamentos marginais (WALSH, 2007) é representada nas obras de Pedro Archanjo. A estrutura tradicional de pensamento rebate, segundo Catherine Walsh (2007), agressivamente a ascensão de novos métodos de pensamento. Ela afasta os pensadores a uma área marginalizada que, segundo os métodos tradicionais, não chega a ser incluída na concepção de intelectual. Enquanto Walsh (2007) em seu artigo analisa a cultura andina, aqui será estudada a cultura baiana pela mesma ótica. Segundo ela, a minoria marginalizada tem a capacidade de ressignificar os conceitos de intelectualidade, incluindo neles os movimentos indígenas e africanos (REINAGA, 2001).

Jorge Amado (1969) em Tenda dos Milagres aproveita a construção de seu personagem central para fazer o elogio do saber que emana do povo presente nas suas expressões

culturais das tendas de Salvador.

“Os poetas populares, sobretudo os fregueses da oficina de Lídio Corró, não perderam a ocasião e glosaram a pendência entre os catedráticos e mestre Archanjo, assunto de primeira:

Deu-se grande alteração

No Terreiro de Jesus

Uns seis ou sete folhetos pelo menos foram publicados no decorrer dos anos, comentando os acontecimentos. Todos a favor de Archanjo. Seu primeiro livro mereceu versos e palmas de Florivaldo Matos, repentista de caloroso público em festas de aniversário, batizado e casamento” (AMADO, 1969, p. 134)

De acordo com o trecho, pode-se concluir que a figura de Pedro Archanjo é uma representação de uma intelectualidade marginal, afastada do modelo tradicional acadêmico. Durante a celebração de seu centenário, o protagonista – já falecido – tem sua imagem modificada no capítulo que Amado chamou De como a sociedade de consumo promoveu as comemorações do centenário de Pedro Archanjo, capitalizando-lhe a clória, dando-lhe sentido e consequência. Pelo título, é possível deduzir que a história de Archanjo será monetizada ao longo do capítulo. Inicialmente, a celebração do centenário contaria com os seguintes eventos:

“a) uma série de quatro cadernos especiais do J.C., publicados nos quatro domingos precedentes ao 18 de dezembro, exclusivamente sobre Archanjo e sua obra; colaboração dos nomes mais representativos não só da Bahia, mas de todo o Brasil. Os próprios anúncios (...) serviriam à glorificação do nome de Archanjo. (...)

b) Um seminário de estudos, posto sob a égide de Pedro Archanjo, a realizar-se na Faculdade de Filosofia, tendo como tema: A democracia racial no Brasil e o apartheid – afirmação e negação do humanismo. A proposta do seminário provinha do professor Ramos, do Rio de Janeiro, em carta ao doutor Zezinho...” (AMADO, 1969, p. 105)

Os projetos em torno da celebração buscavam nacionalizar a sua contribuição para a cultura brasileira, como descrito no início do capítulo. Expandindo a imagem de Archanjo para além do estado da Bahia, são chamados professores de todo o país para escrever textos, assim como anúncios, que estabeleceriam Pedro Archanjo enquanto cânone da cultura nacional. Como parte desta celebração, a Faculdade de Filosofia abordaria em seu seminário o tema da democracia racial brasileira e o apartheid a partir da obra de Archanjo. Este evento representaria a intersecção do debate popular promovido pelo protagonista com o ambiente acadêmico. No trecho a seguir, vê-se a profundidade da imagem de Archanjo dentro do debate sobre raça no Brasil.

“Pedro Archanjo é mestre e exemplo da grandeza da solução brasileira do problema das raças: a fusão, a mistura, o caldeamento, a miscigenação – e para honrar sua memória, por tantos anos relegada ao esquecimento, nada mais indicado do que um conclave de sábios no qual se afirme mais uma vez a tese brasileira e se denuncie os crimes do apartheid, do racismo, do ódio entre os homens” (AMADO, 1969, p. 105)

No entanto, ao longo do capítulo algumas mudanças são realizadas no plano original de seminários, até que em um determinado momento um conflito é apresentado entre os personagens de Doutor Zezinho, um dos organizadores das comemorações, e o Professor Azevedo, responsável pelo seminário na Faculdade de Filosofia. Sob a justificativa de que a conjuntura não era favorável para um evento que tratasse

daquele assunto, Doutor Zezinho propõe que o seminário seja cancelado. Azevedo, na tentativa de defender a manutenção do evento, argumenta que as lutas raciais no Estados Unidos e na África mostram a urgência do debate sobre o apartheid e a democracia racial. O trecho a seguir destaca o discurso de Doutor Zezinho com relação a realização do evento:

Vou lhes revelar algo, algo muito confidencial: a diplomacia brasileira neste preciso instante está trabalhando num acordo de grandes proporções com a África do Sul. (...) Como então reunir os sábios brasileiros para que eles baixem o pau no apartheid, ou seja, na República da África do Sul? Não vou sequer me referir aos Estados Unidos, aos nossos compromissos com a grande nação americana. Exatamente quando aumentam suas dificuldades com os negros, também nós vamos mandar-lhe lenha? (AMADO, 1969, p. 115)

.Na leitura do trecho do capítulo fica em destaque, ainda, o compromisso com a nação americana, no que Zezinho relata: “Não vou sequer me referir aos Estados Unidos, aos nossos compromissos com a grande nação americana”. A consagração de Archanjo enquanto intelectual baiano passa, inicialmente, pela reafirmação de um intelectual americano – como descrito no início do livro – e só acontece, como visto acima, pela validação da elite financeira baiana junto aos ideais norte-americanos. Esta dicotomia entre as culturas populares e de elite nos leva a aprofundar o estudo sobre a relação intercultural (VIAÑA; TAPIA; WALSH, 2009). Segundo Walsh (2009) existem três tipos de concepção sobre o contato entre culturas na América Latina. A primeira delas, a relacional, observa a interculturalidade como um fato inerente a existência da América Latina. Partindo do contato entre as sociedades indígenas e chegando às afrodescendentes e brancas, este tipo de interculturalidade constituiria a natureza latino-americana, segundo a autora. Porém, ela implica o esquecimento dos conflitos e da dominação inseridos no

processo colonial. Através desta concepção são encobertas as estruturas de uma sociedade pautada na violência em prol de um sentido falsamente positivo no contato entre estas culturas.

A segunda perspectiva, funcional, reconhece a diversidade cultural, mas estabelece limites para a sua absorção na estrutura social. Em outras palavras, esta interculturalidade assume que o sistema existente deve manter a assimetria e as desigualdades sociais, sem questionar quaisquer bases da lógica neoliberal³. Por consequência, esta concepção gera uma dominação pautada na comercialização, monetização das culturas, excluindo os grupos historicamente dominados do protagonismo.

Como observado no texto, a relação entre o capital e as celebrações nos leva a concluir a existência de uma interculturalidade funcional na relação com o legado de Pedro Archanjo. A partir da filtragem dos conceitos de Archanjo, são retiradas as suas causas e histórias individuais, levando o personagem a assumir uma nova figura pública. O episódio de construção dessa figura ao longo da narrativa das bolsas de estudo, como citado anteriormente, deixa clara a aproximação com um personagem que poderia ter sido facilmente um homem europeu. Pedro Archanjo se torna, pouco a pouco, um exemplo de mérito dentro da perspectiva funcional da interculturalidade.

Portanto, fica evidente que junto a aproximação do modelo europeu de intelectualidade, há um afastamento da cultura negra na qual Pedro Archanjo está inserido. Este apagamento sofrido pelo protagonista também é observado de forma mais ampla ao longo de Tenda dos Milagres, como será visto a seguir.

6. Os efeitos da colonialidade e sua violência estrutural

3. Como destacado por Bitar (1988), o século XX conta com a disseminação do debate sobre desenvolvimento na América Latina. Como parte deste movimento, o neoliberalismo pregava estratégias de "ajuste estrutural" (BITAR, 1988, p. 45), através do desencadeamento dos câmbios, políticas liberalizadoras, estimulando a privatização de empresas públicas. O esquema conceitual, como denominado pelo autor, se contrapôs ao enfoque estruturalista, vigente na América Latina até então. Vale destacar que, com relação a obra de Jorge Amado, a conceitualização de neoliberalismo se encontra em um espectro temporal adiante. Contudo, o papel social exercido pelas

Os traços da violência estrutural na obra de Jorge Amado se manifestam tanto através da negligência quanto de uma agressão direta às manifestações religiosas expostas no livro. As ondas de crime contra as culturas africanas estão representadas de maneira mais intensa na figura do delegado Pedrito Gordo.

“Na cidade, o delegado Pedrito Gordo soltara a malta do terror com carta branca: invadir terreiros, destruir pejis, surrar babalaôs e pais-de-santo, prender feitas e iaôs, iyakekerês e iyalorixás. Vou limpar a Bahia dessa imundície! Deu ordens escritas aos soldados da polícia, organizou a escolta de bandidos, partiu para a guerra santa” (AMADO, 1969, p. 226)

elites estão enquadrados nos mesmos moldes que, posteriormente, seriam concebidos na crítica de Walsh (2007).

Mais do que puramente ficcional, a história de Pedrito Gordo é baseada na vida de Pedro de Azevedo Gordilho, delegado amplamente conhecido pela sua perseguição aos terreiros de candomblé e umbanda durante os anos 1920. Por meio da leitura de pensadores catedráticos do início da década de 1920, Pedrito Gordo é caracterizado por Jorge Amado como “um jovem que aprendera que negros e mestiços possuem natural tendência ao crime, agravada pelas práticas bárbaras do candomblé, das rodas de samba, da capoeira, escolas de criminalidade a aperfeiçoar quem já nascera assassino, ladrão, canalha” (AMADO, 1969, p. 229). Amado continua

“A Branco, baiano, vacilando entre o loiro e o sarará, o delegado Pedrito considerava a exibição de tais costumes monstruoso acinte às famílias, achincalhe à cultura, à latinidade de que tanto se orgulhavam intelectuais, políticos, comerciantes, fazendeiros, a elite” (AMADO, 1969, p. 229)

A aproximação entre o delegado e o professor Nilo Argolo acontece durante o mesmo capítulo, quando o oficial discursa defendendo que os “mestres afirma a periculosidade da negralhada, é a ciência que proclama guerra às suas práticas antissociais” (AMADO, 1969, p. 230). O professor, em outro

trecho do capítulo, afirma que a perseguição de Pedrito Gordo se tratava de uma “guerra santa, cruzada bendita” (AMADO, 1969, p. 230). A perseguição sistemática chega ao ponto de assassinar o filho de santo Manuel de Praxedes após a destruição de seu terreiro.

O processo de violência estrutural descrito em Tenda dos Milagres pode ser lido como marcas de um colonialismo, uma parte da estrutura que manteve a dominação e a hierarquia racial (MIGNOLO, 2005). Com as expansões marítimas do século XVI, a era moderna estabelece uma hierarquia que, acima de tudo, é racial. O colonialismo, como marca da permanência desta hierarquia, foi além da independência política e funcionou como estruturação das sociedades colonizadas:

“O fato está na ideia de que no começo da colonização da América, europeus associavam trabalho não assalariado com as raças dominadas, por serem consideradas raças inferiores.” (MIGNOLO, 2005, p. 538)

A classificação racial conduz a sociedade a uma hierarquização de identidades onde inicialmente cabem os privilégios aos brancos. A reprodução deste histórico nos leva, segundo o autor, a constituição de uma realidade eurocêntrica, que reserva os espaços de protagonismo aos europeus, delimitando o trabalho braçal às comunidades marginalizadas. Por mais que à época das independências grande parte dos países latino-americanos possuíssem a maioria da população composta por índios, negros ou mestiços, é na continuidade deste processo de colonialidade que a organização social do novo estado mantém o dominado em seu estado inferior. A minoria branca, que representava a elite durante o período colonial, assume a figura da metrópole dentro das colônias. A colonialidade, como descrita por Quijano (2005) está nesta dependência aos moldes europeus. Manifestada pelo poder

estatal, ela demonstra sempre a sua superioridade frente as manifestações culturais marginalizadas.

“Uma tentativa sempre frustrada de homogeneização cultural pelo genocídio cultural de índios, negros e mestiços, como visto no México, Peru, Equador, América Central e Bolívia.

A imposição de uma ideologia de “democracia racial” que mascara a real discriminação e dominação colonial de negros, como no Brasil, Colômbia e Venezuela. É com dificuldade que alguém reconhece seriamente um verdadeiro cidadão da população de origem africana nestes países, apesar das tensões raciais e conflitos não serem tão violentos e explícitos como na África do Sul ou no sul dos Estados Unidos” (MIGNOLO, 2005, p. 568)

Como exposto no trecho acima, a tentativa de homogeneização cultural tem sua base na violência estrutural contra as minorias. A representação no texto de Amado reforça a ideia principal do autor de que o conflito, centrado na figura de Pedro Archanjo, é uma parte de um apagamento cultural que toma diversas formas e assume várias estratégias de violência.

7. Considerações finais

Assim como visto ao longo do artigo, a obra *Tenda dos Milagres* (1969) de Jorge Amado traz, por meio da literatura, problemas reais do caso brasileiro. Já na primeira parte do texto, com a referência aos debates sobre eugenia no Brasil, fica clara a proximidade da trama descrita por Jorge Amado aos debates das ciências sociais. Este ponto é reforçado ao longo do livro quando o autor dá a Pedro Archanjo uma série de estudos sobre antropólogos como Franz Boas. Por meio desta união entre o real e o fictício, Amado evidencia questões centrais para a compreensão da sociedade brasileira. É o que

acontece, por exemplo, na descrição da figura que inspira o personagem Pedrito Gordo e na referência feita a Nina Rodrigues, médico que, durante século XIX e XX produziu ensaios e outros textos sobre raça no Brasil.

Desde a primeira parte, com a construção do personagem Pedro Archanjo em debate, fica evidente que o conflito central do livro está dentro do apagamento que o protagonista sofre ao longo de toda a obra, o distanciando das suas origens e suas crenças após o seu falecimento. Com isso, há uma aproximação ao modelo europeu de homem intelectual, o que fica ainda mais claro na análise da segunda parte do artigo, quando estas relações estão dispostas seguindo a análise de Catherine Walsh (2009). Por fim, a violência estrutural dentro do aparato policial e o ataque às culturas de matrizes africanas nos levam ao debate sobre as marcas da colonialidade dentro da sociedade brasileira, tendo como base os trechos de ataque aos rituais de candomblé.

A obra de Jorge Amado pode ser lida como um romance que flerta com a etnografia ao assumir graus de parentesco com a realidade brasileira, a partir de suas referências factuais. A leitura deste romance que está presente neste artigo buscou, acima de tudo, evidenciar o caráter político da obra de Jorge Amado e a representação da colonialidade na realidade brasileira, que é rica por sua pluralidade de conhecimentos.

Referências Bibliográficas

AMADO, J. O país do Carnaval. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1931.

AMADO, J. Cacau. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1933.

AMADO, J. Suor. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1934.

AMADO, J. Jubiabá. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1935.

AMADO, J. Mar Morto. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1936.

AMADO, J. Capitães de Areia. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1937.

AMADO, J. Gabriela, cravo e canela. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1958.

AMADO, J. Tenda dos Milagres. 43a ed. Rio de Janeiro: Record, 1969.

BITAR, S. Neoliberalismo versus neoestructuralismo en América Latina. Revista de la CEPAL, v. 1988, n. 34, p. 45-63, 1988.

BORGES, H. B. Uma leitura do romance Tenda dos Milagres, de Jorge Amado: a relação triádica real/fictício/imaginário no texto literário. n. 75, p. 113-133, 2007.

BRIGNONI, B. O ABC do negro em Jorge Amado: Jubiabá e Tenda dos Milagres Sumário. p. 1-39, 2014.

COUTINHO, C. N. Cultura e Sociedade no Brasil. 4. ed. São Paulo: Ed. Expressão Popular LTDA, 1990.

DE ANDRADE, O.; TELES, G. M. Manifesto antropófago. In: PETRÓPOLIS: VOZES (Ed.). Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3a ed. Brasília: Petrópolis: Vozes, 1976.

LIMA DE OLIVEIRA, H. L. Jorge Amado e a Releitura da formação identitária brasileira. Uma leitura em A tenda dos milagres: por um outro conceito de mestiçagem. Babilônia, v. 4, p. 9-29, 2006.

LIMA DE OLIVEIRA, H. L. Os milagres da Tenda: uma leitura da mestiçagem em Jorge Amado. Nova leitura crítica de Jorge Amado, 2014.

MIGNOLO, W. D. A Colonialidade do Saber - Eurocentrismo e Ciências Sociais - Perspectivas Latino-americanas. A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino-americanas, p. 33-49, 2005.

OLIVIERI-GODET, R. A dimensão da ética intercultural na obra de Jorge Amado.

REINAGA, F. La revolución indio. La Paz: Ediciones Funación Amaútica, 2001.

ROSSI, L. G. F. As cores e os gêneros da revolução. Cadernos Pagu, n. 23, p. 149-197, 2004.

SANTANA, G. Jorge Amado, o realismo socialista e o romance proletário: Historiografia e crítica literária (1931-1937). Izquierdas, n. 49, p. 58-78, 2020.

SANTIAGO, S. Uma Literatura nos Trópicos. 2a ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1978.

SANTOS, B. DE S.; MENESES, M. P. Epistemologias do sul. Coimbra: CES, 2012. v. 16

SCHWARCZ, L. M.; SELTZER GOLDSTEIN, I. O Universo de Jorge Amado. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009.

SCHWARZ, R. Coleção Espírito Crítico; 1930: A crítica e o modernismo. Rio de Janeiro: Editora 34, 1930.

SMANIOTTO, E. I. Eugenia e Literatura no Brasil: apropriação da ciência e do pensamento social dos eugenistas pelos escritores brasileiros de ficção científica (1922 e 1949). [s.l: s.n.].

SOARES, M. V. N. Romances de exílio: O Mulato, de Aluísio Azevedo, e O País do Carnaval, de Jorge Amado. Anais do SILEL, v. 3, p. 1-11, 2013.

SPERB, P. Mestiçagem e teorias raciais em Tenda dos Milagres, de Jorge Amado. Journal of Chemical Information and Modeling, v. 53, n. 9, p. 1689-1699, 2013.

VIAÑA, J.; TAPIA, L.; WALSH, C. Interculturalidad crítica y educación intercultural. Construyendo Interculturalidad Crítica, p. 75-96, 2009.

WALSH, C. Shifting the geopolitics of critical knowledge: Decolonial thought and cultural studies "others" in the Andes. Cultural Studies, v. 21, n. 2-3, p. 224-239, 2007.

Como citar

FERREIRA, Pedro G.. Além dos milagres da tenda: a representação das relações interculturais no Brasil a partir da obra de Jorge Amado. *Primeiros Estudos: Revista de Graduação em Ciências Sociais*, São Paulo, v. 10, n. 01, p. 11-37. 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-2423.v10i1p11-37>